



5605 - Pôster - 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019)
GT12 - Currículo

CONVERSAS COMPLICADAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DIANTE DAS VIOLÊNCIAS COTIDIANAS

Alan Pimenta - UNIRIO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Resumo:

O texto procura seguir *as pistas e indícios* (GINZBURG,1989) que fui encontrando ao longo de cinco encontros com uma professora convidada para discutir diversos temas com uma turma do terceiro ano do ensino médio formação de professores. Nas conversas que realizamos com os estudantes de um colégio estadual do Rio de Janeiro discutimos temas como: feminismo, violência sexual, arte, política e formação de professores aprendemos sobre amor, solidariedade e codocência. O recorte aqui apresentado faz parte de uma pesquisa em andamento que busca pensar os usos da escrita na formação de professores e defende a conversa como uma forma de pensar a criação dos currículos em sala de aula. Apresentando resultados parciais do recorte das aulas ministradas em codocência o texto conclui que solidariedade, amor e o exercício da escuta são imprescindíveis para professores e estudantes na construção dos currículos em sala de aula.

Palavras-Chaves: Formação de professores, currículo, codocência.

CONVERSAS COMPLICADAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DIANTE DAS VIOLÊNCIAS COTIDIANAS

Escrever é empurrar a linguagem - e empurrar a sintaxe, pois a linguagem é a sintaxe - a um certo limite, que pode-se expressar de diversas maneiras: limite que separa a linguagem do silêncio; limite que separa a linguagem da música; limite que separa a linguagem do piado doloroso... (Deleuze, *Abecedário*. Vocabulo A de animal)

É empurrando a linguagem que escreverei esse texto. É tentado quebrar a armadilha de "pensar que a sabedoria tem residência exclusiva no universo da escrita. (COUTO, p.51, 2011) que inicio a escrita do presente texto.

Como professor do ensino médio do Estado do Rio de Janeiro, algumas vezes cai na armadilha que o escritor moçambicano Mia Couto em poucas palavras destacou. Acreditar que quem escrevem bem é detentor de maior conhecimento em relação a quem escreve mal foi um erro que cometi durante algum tempo. Pensar sobre a escrita e escrever sobre o tema, talvez seja a tentativa definitiva de quebrar essa armadilha.

Tanto no ambiente escolar como no acadêmico a lógica da superioridade da escrita instalou-se de forma quase inquestionável. Bons estudantes escrevem bem, maus estudantes não sabem escrever. Nas escolas e universidades não é difícil perceber o grande destaque que é dado aos estudantes que dominam a norma culta da língua portuguesa. Da mesma forma o contrário também é fácil, saber quem "não escreve bem". Importante destacar que: não escreve bem entre aspas serve para mostrar que a ideia de quem escrevem é discutível.

Existe uma série de imagens sobre a escrita e de quem escreve bem ou mal. Como professor, estudante e pesquisador já me deparei inúmeras vezes com falas onde o estudante foi classificado como bom ou ruim de acordo com a sua capacidade de escrever dentro das normas da língua portuguesa. Veja bem não quero defender que conhecer e saber aplicar tais normas não seja necessário, mas acredito que dizer se um estudante é bom ou ruim simplesmente porque domina as regras da língua portuguesa é um reducionismo que traça linhas abissais (SANTO, 2010).

A escrita de um texto pode ser atravessada por muitos sentimentos. Mesmo um texto acadêmico. Posso afirmar que os meus são criações atravessadas por sentimentos devastadores. São temperados com amor, raiva, amizade, alegria, tristeza e confiança. Penso no texto aqui apresentado como um samba que vai contar um pouco da história de dois amigos e dos aprendizados que muitas conversas produziram um no outro.

Os acontecimentos aqui apresentados fazem parte de minha pesquisa de doutorado e foi que no encontro de duas pessoas confusas, caóticas, desobedientes e que tentam se colocar a margem do rigor científico e, muitas vezes, da sociedade possibilitou a construção de amizade, carinho, respeito e admiração que dentro da sala de aula viraram aulas/conversas que culminaram em emocionantes trabalhos finais de uma disciplina de estágio supervisionado do curso de formação de professores em nível médio.

Procurando seguir *as pistas e indícios* (GINZBURG,1989) que fui encontrando ao longo de cinco encontros com uma professora convidada em minha sala de aula. Apresento alguns relatos sobre as conversas que eu, a professora convidada e os estudantes de um colégio estadual do Rio de Janeiro discutimos temas como: feminismo, violência sexual, arte, política e formação de professores aprendemos sobre amor, solidariedade e codocência.

Os temas foram definidos em conversas sobre os assuntos que os estudantes acreditavam ser importantes para formação e conclusão do ensino médio. Assim fizemos pois como Pinar (2014) entendemos os currículos como conversas complicadas

porque os professores falam não só com seus estudantes, mas com seus próprios mentores, suas próprias experiências e com os conteúdos, pois os conteúdos em si mesmos são conversas [...] essa conversa também é complicada por ser informada, é claro, por aquilo que acontece e aconteceu fora de sala, como nas famílias dos alunos. A conversa é complicada porque acontece entre todos na sociedade (PINAR, 2014 p.31)

Com o chamamento dos estudantes para discutirmos assuntos relevantes para eles, propusemos uma conversa a

partir das epistemologias do Sul e do que Santos (2010) identifica como linhas abissais e procuramos criar uma forma de codocência que valoriza-se a conversa com metodologia e trabalhasse a escrita como instrumentos em que os estudantes anotassem suas impressões sobre os acontecimentos nas aulas e posteriormente usassem para construção de trabalhos finais da disciplina.

OS ENCONTROS (AULAS)

A partir de agora chamarei as aulas de encontros pois é assim que a encaramos.

O primeiro encontro aconteceu tímida e com escutas e olhares atentos dos estudantes. Ao final da aula negociamos uma escrita que abordasse os aprendizados construídos em cada encontro. Na primeira tentativa surgiram escritas tímidas e feitas e forma rápida.

Ao longo dos encontros as conversas ficaram cada vez mais intensas e o tempo de escritas cada vez mais longo. Com o exercício de escrever ao final de cada discussão o material de pesquisa criado pelos estudantes mostrou-se bem rico com diversas reflexões sobre a prática docente que aconteceu nos encontros. Decidimos no terceiro encontro que analisaríamos coletivamente o que estava sendo produzido. Os estudantes estabeleceram grupos de cinco e que todos teriam acesso a todo material para produzir um parecer por grupo.

Além dos cinco encontros de discussão sobre os temas, foram necessários mais três para análises e dois para apresentar os resultados. Nos pareceres ficou claro que um aspecto estava presente em todas as análises: a grande maioria das escritas feitas pelos estudantes sobre os acontecimentos em sala de aula envolviam experiências muito íntimas e grande parte envolviam experiências violentas. Assédios diários nas ruas, violências físicas e sexuais de familiares e o cotidiano violento das comunidades que a grande maioria dos estudantes viviam foram destacados em todos os pareceres.

De diversas formas o tema violência estava presente, alguns em forma de desabafo, outro em experiências que cruzadas com a vivências no colégio contavam histórias de superação e da importância dos amigos e professores para enfrentar os problemas.

Longe de tentar transformar as conversas em terapias de grupo é importante destacar que procuramos orientações de psicólogos que regularmente trabalhamos se solidarizaram e os casos foram repassados para coordenação pedagógica do colégio para devidas providências.

Em um exercício de buscar no cenário doloroso que estávamos construindo boas práticas e experiências positivas também constatamos que os relatos de superação continham um ponto em comum: a solidariedade dos estudantes, professores e o esforço em conjunto com a equipe gestora do colégio para o enfrentamento dos problemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultados parciais destacarei que a construção coletiva de uma prática onde a escrita é valorizada para oportunizar registros das experiências vividas sem classificar os estudantes em quem sabe ou não escrever fez com que aqueles estudantes utilizassem suas anotações como forma de extravasar sentimentos que até então dificilmente apareceriam em sala de aula.

O aprendizado da valorização das experiências e redes de solidariedade que se formaram nas diferentes histórias pode ser uma forma de enfrentar as violências cotidianas que muitos de nós somos submetidos apareceu como um destaque coletivo na busca pela valorização de resultados tidos como positivos.

Encarar a conversar como metodologia e prática pedagógica deve ser pensada com mais profundidade e analisada para discussões futuras, porém foi destacado por professores e estudantes como não tentar controlar o que foi falado em sala de aula proporcionou um ambiente seguro onde muitos estudantes puderam confidenciar assuntos que dificilmente apareceriam em outras aulas.

Construímos nossos currículos durante os encontros e muitas foram os relatos orais de como os estudantes vivenciaram experiências plurais e não sentiram suas palavras caçadas por estarem “fora do tema”. Nada estava fora do tema e como destaca Sussekind (2018)

Demanda urgente é a defesa da educação pública democrática para todos. Que sejam, portanto, escolas plurais, múltiplas, escolas de muitos partidos. Que as escolas sejam laicas sem invisibilizar as religiões e suas epistemologias. Que as escolas não precisem ser inclusivas, mas deixem de excluir e reconheçam que a escola precisa enxergar a pluralidade, a diversidade da sociedade que existe dentro dela; se é pública, é do público, é de todos. (p.10)

Encerrando o recorte aqui apresentado, entendendo que as experiências aqui relatadas não se repetirão da mesma forma e como pesquisa em andamento as vivências aqui apresentadas servem de base para construção de outros caminhos de pesquisa e na construção de novas práticas pedagógicas e de pesquisa que serão futuramente apresentadas.

Bibliografia

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano**. Editora Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, GILLES. **ABECEDÁRIO**. Direção: Pierre-André Boutang. **Produção: Éditions**, 1988.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais**. Morfologia e História. São Paulo: Cia das Letras, 2014.

PINAR, W. **Whatis curriculum theory?** New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2005/2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. Epistemologias do sul. In: **Epistemologias do Sul**. Cortez, 2010.

SÜSSEKIND, M. L.. Quem é William F. Pinar. Petrópolis: de Petrus Et Alli, 2014.

SÜSSEKIND, M. L.. Educação em Pauta: Revista da ADCPII – ano V – N1º - Março/2019. Disponível em: http://adcpaii.com.br/wp-content/uploads/2018/07/ebook_revista_6.pdf

[1] Entre aspas pois acredito que a ideia de quem escrevem é discutível e pretendo que parte de minha discussão de doutorado seja feita sobre esse tema.

[2] Longe de tentar transformar as conversas em terapias de grupo, procuramos orientações de psicólogos que regularmente trabalham se solidarizaram e os casos foram repassados para coordenação pedagógica do colégio para devidas providências.